

O Impacto da Crise Econômica Mundial no Setor Industrial da Microrregião de São João Del Rei/mg

Pablo Luiz Martins

UFSJ

Fernando Luis Resende

UFSJ

Luiza Monique Castro Faria

UFSJ

Hugo Lucindo Ferreira

UFSJ

Caroline Mirã Fontes Martins

UFSJ

Resumo:Esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos causados pela crise econômica mundial no setor industrial são-joanense no período entre 2008 e 2013. A crise financeira, que eclodiu nos Estados Unidos, abalou profundamente a economia mundial, levando a uma forte desaceleração econômica. A amostra da pesquisa compreende um conjunto de quinze indústrias situadas em São João del-Rei. Quanto aos meios utilizados para se chegar aos resultados, optou-se pela aplicação de questionários estruturados. Como resultado, foi observado que, em maior ou menor grau, todas as indústrias pesquisadas sofreram o impacto da crise econômica mundial. As indústrias que compuseram a amostra da pesquisa demonstram que, embora fosse vivenciada como uma tragédia, a crise foi vista como uma importante lição para o futuro, pois mostrou as fragilidades e vulnerabilidades da economia são-joanense e, assim, significou um alerta apontando a urgência de uma reestruturação das indústrias locais.

Palavras Chave: Economia - Crise - Gestão Financeira - -

1. INTRODUÇÃO

A crise econômica global, que eclodiu a partir de 2007, abalou profundamente a economia mundial, levando a uma forte desaceleração econômica que atingiu o Brasil, Minas Gerais e, conseqüentemente, São João del-Rei. As implicações da desaceleração da economia trouxeram grandes impactos para o setor industrial (CANZIAN, 2009).

Diante deste cenário, este trabalho tem como problema de pesquisa a seguinte questão: quais foram as conseqüências da crise de 2008 no setor industrial de São João del-Rei/MG? A fim de responder a essa questão, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os impactos causados pela crise de 2008 no setor industrial são-joanense no período entre 2008 e 2013. Em desdobramento desse objetivo geral, tem-se como objetivos específicos: contextualizar a crise de 2008 nos cenários internacional e nacional; analisar o papel da indústria na economia brasileira e mineira; e verificar os efeitos da crise na indústria brasileira e são-joanense.

A realização deste estudo implica duas importantes etapas: a primeira consiste em uma pesquisa bibliográfica, através das diversas publicações sobre as origens e características da crise global de 2008. Já a segunda etapa consiste em uma pesquisa de campo, realizada por meio de um estudo de caso múltiplo baseado na aplicação de um questionário a algumas das principais indústrias de São João del-Rei/MG.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A CRISE DE 2008

Nos últimos decênios do século XX, o modo de produção e circulação do sistema capitalista atingiu um ponto de desenvolvimento tão significativo que resultou no fenômeno que se denominou globalização. Segundo Morris (2009), tal período foi marcado por alterações nos sistemas de produção, tais como o maior dinamismo nas relações comerciais, o aumento da competitividade e a implementação de novas tecnologias. Essas alterações levaram diversos países a uma posição privilegiada na economia global. No entanto, o otimismo gerado pelo êxito econômico acabou desviando a atenção das potências econômicas para possibilidades de uma crise.

Assim, a origem da crise de 2008 tem raízes ainda no início da década de 2000, quando ocorreu o chamado “furo da bolha da internet”. Segundo Peron (2013),

A bolha da internet, fenômeno observado entre 1995 e 2001, representa o momento mais importante da internet nos últimos dez anos. Iniciada em 1995 quando o Netscape fez um IPO (sigla em inglês para oferta pública inicial de ações), a bolha gerou trilhões de dólares em investimentos na internet e colaborou para o desenvolvimento de novas tecnologias e sites atualmente conceituados, como o Google. Durante este período de tempo empresas criadas a partir da INTERNET tiveram seus valores super estimados pelo mercado, até empresas que tinham



como objetivos negócios completamente esdrúxulos, só pelo fato de serem empresas criadas à partir da INTERNET tinham um valorização absurda. Quando os mercados caíram na real, o que se convencionou chamar de o estouro da bolha, muitas empresas ponto com fecharam e investidores perderam enormes quantidades de dinheiro. (p. 1).

Como resultado desse fenômeno que ameaçava abalar a forte economia estadunidense, foram adaptadas algumas medidas com vistas a estimular a continuidade do consumo e da produção. Segundo Soros (2008), a principal medida adotada foi diminuir a taxa de juros para empréstimos. Outra medida foi incentivar o investimento no âmbito imobiliário, já que, com os juros muito baixos, seria vantajoso comprar imóveis para serem pagos em prestações. Por sua vez, esses mesmos compradores muitas vezes revendiam seus imóveis, também a juros, buscando no mercado imobiliário uma forma de negócio lucrativo.

Já os bancos atuavam no sentido de converter em títulos as hipotecas (ou seja, os imóveis que eram oferecidos como garantia de pagamento) e repassá-las aos investidores. Assim, criaram-se as chamadas hipotecas *subprimes*, ou seja, empréstimos hipotecários altamente arriscados. Porém, o aumento da inflação fez com que as taxas de juros subissem a níveis inesperados, e com isso diminuição do valor dos imóveis e aumento das mensalidades. (SOROS, 2008). Como as famílias não possuíam renda suficiente para cobrir os juros, houve inúmeros “calotes” e, devido à inadimplência, os bancos foram gravemente prejudicados, gerando-se, assim, uma instabilidade no sistema bancário internacional em 2007, e seus efeitos levaram à chamada Crise de 2008.

Com início em meados de 2007 e auge no ano seguinte, uma forte crise financeira desestruturou a economia mundial, ocasionando uma preocupação econômica generalizada e cujos efeitos são comparados à crise de 1929. Segundo Soros (2008), “o início da atual crise financeira pode ser oficialmente fixado em agosto de 2007. Foi quando os bancos centrais se viram obrigados a intervir para dar liquidez ao sistema bancário”.

Observa-se que o fenômeno foi desencadeado pelo colapso do mercado imobiliário e financeiro estadunidense. Uma vez que a economia do EUA vinha de um crescimento puxado pelo setor imobiliário, as quedas nas vendas de novas residências e as desvalorizações dos imóveis reduziram esse crescimento, e tal redução se agravou com a considerável queda na capacidade dos americanos continuarem se endividando com base em tais ativos. As projeções de recessão então se alastraram para um grande número de países já que os Estados Unidos, como maior potência econômica, exercem grande influência sobre a economia global e respondem por cerca de 30% do PIB mundial. As perspectivas de recessão ampla refletiram nas bolsas de praticamente todos os países, onde as perdas se acumularam e o que era um problema financeiro se tornou cada vez mais um problema, como relata Vasquez (2008), com reflexos no emprego, nos salários e na renda.

Os principais danos trazidos pela crise aos mais diversos países são os prejuízos financeiros e a desaceleração do crescimento econômico. Isso porque, enquanto nos países desenvolvidos a crise tem ocasionado uma pressão inflacionária, nos subdesenvolvidos ela tem causado mais danos, pois, “além da desaceleração, dos riscos financeiros e da pressão inflacionária, há reversão da tendência de afrouxamento da restrição de balanço de pagamentos”. (GONÇALVES, 2009).

Segundo Canzian (2009, p. 18), “a *atmosfera de ansiedade* e receio decorrente da crise levou à contração da concessão de crédito e se passou a evitar ou adiar ao máximo a



implementação de projetos de investimentos”. Krugman (2009) acrescenta que as consequências do colapso foram observadas no mundo todo, uma vez que o encolhimento inesperado da economia estadunidense reduziu a oferta de crédito no mercado mundial, provocando uma contração do PIB mundial e, por conseguinte, levando à adoção de medidas de contenção em todos os países envolvidos.

2.2. IMPACTOS NA ECONOMIA BRASILEIRA

O fato de o Brasil ser um país fortemente inserido no mercado global ocasionou um impacto quase imediato na economia nacional, sobretudo no setor industrial. Assim, os efeitos da crise internacional se fizeram notar já na segunda metade de 2008, quando a previsão de avançar ainda mais no mercado internacional foi minada pela instabilidade econômica mundial (VASQUEZ, 2008).

Embora estivesse economicamente estável quando ocorreu a crise de 2008, o Brasil sofreu impactos relacionados à sua condição de país ainda em desenvolvimento. Em outras palavras, tais países são marcados pelo histórico de dívida externa e pressão inflacionária, características que, segundo Laidler (2006), constituem uma vulnerabilidade estrutural. Assim, no caso do Brasil, a conjuntura econômica durante e após a crise foi marcada pelos seguintes fenômenos que contribuíram para desacelerar o crescimento:

Aumento da pressão inflacionária; a interrupção da tendência de melhora nas finanças públicas ocorrida nos últimos anos; menor crescimento da demanda externa; tendência de situação menos favorável das contas externas; e, aumento da percepção de risco em relação aos países do painel. (GONÇALVES, 2013, p. 16).

No cenário brasileiro, um dos efeitos da crise foi a desaceleração do comércio internacional, fator que exerceu impacto negativo sobre o volume de exportações do país. Com isso, aumentou-se a dependência da economia brasileira em relação ao capital internacional e, como consequência, houve um aumento das taxas de juros, o que prejudicou as indústrias nacionais. (GONÇALVES, 2013).

No entanto, diferentemente de outras crises, tal como a ocorrida com os países latino-americanos nos anos 1980, desta vez alguns fatores estruturais contribuíram para que seu fosse minimizado. Dentre estes, Trevisan (2010) menciona as taxas de juros internacionais reduzidas e a instabilidade dos países desenvolvidos, o que facilita a concorrência com eles no mercado externo.

Ferreira (2011) afirma que o governo brasileiro teve de adotar medidas emergenciais para contenção do impacto da crise, tais como redução nos depósitos compulsórios dos bancos, a criação da Medida Provisória 442, que permite o Banco Central do Brasil a adquirir carteiras de crédito de instituições financeiras em dificuldade; liberação de R\$ 3 bilhões do FGTS para o setor de construção civil, redução da taxa de juros na compra de casa própria



para pessoas que ganham até R\$ 2.000,00; além disso, o governo fez cortes nos impostos visando manter mais dinheiro com a população e incentivar o consumo das famílias.

Ainda segundo o autor, o governo também implementou uma medida anticrise, onde o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) sobre veículos foi reduzido, diminuiu também o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para o consumo e reajustou as tabelas de imposto de renda, injetando assim, mais R\$ 4,8 bilhões na economia. Desse modo, o governo conseguiu amenizar os danos advindos da crise. Uma vez apresentados os principais aspectos da crise econômica mundial, o tópico seguinte discute o setor industrial brasileiro e sua importância econômica.

2.3. A INDÚSTRIA NA MICRORREGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI /MG

Das 27 unidades federativas do Brasil, Minas Gerais é a quarta maior em extensão territorial e a segunda em densidade populacional, atrás apenas de São Paulo. O estado se destaca também por sua relevância econômica, pois tem o terceiro maior produto interno bruto (PIB) do país. Essa economia solidificada se assenta, em larga medida, no setor secundário, pois Minas Gerais possui o segundo maior parque industrial do país, também atrás apenas de São Paulo. (SANTOS, 1997).

A indústria mineira está concentrada, sobretudo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte e nas cidades da redondeza, como Betim e Contagem. A região metropolitana de Belo Horizonte se destacou por formar um grande aglomerado, que forneceu mão de obra necessária para que a região se tornasse responsável por mais de 30 % do produto industrial do Estado (ALMEIDA, 2002).

Essa centralidade industrial de Minas em regiões mais desenvolvidas é confirmada por Nogueira e Carvalho Filho (2008, p. 1) ao afirmarem que:

Minas Gerais sofreu uma pequena desconcentração produtiva no período de 1995 - 2000, com perda de participação relativa da região Central do Estado em detrimento das demais, com exceção da Zona da Mata. Essa desconcentração, porém, teve mais impactos nas regiões Sul de Minas e Triângulo, indicando que a produção industrial tende a se direcionar para as áreas mais modernas e industrializadas do estado.

Compreende-se que a indústria mineira, embora tenha sua maior concentração na região metropolitana, também se estende pelo interior do estado, em municípios de pequeno, médio e grande porte. Se na região metropolitana de Belo Horizonte se destaca a indústria automobilística, sobretudo pela concentração de montadoras estrangeiras na região, em outras partes do estado sobressaem diferentes formas de indústria, como as extrativas (voltadas, sobretudo, para o extrativismo mineral), a alimentícia, a têxtil e a construção civil. (CROCCO; GALINARI, 2002).

A microrregião de São João del-Rei não constitui um pólo altamente industrializado, pois na região se destaca a produção agrícola, artesanal e o setor de turismo e hotelaria. Enquanto nos municípios de Ritópolis, Dolores de Campos, Piedade do Rio Grande



se destaca a agricultura e a produção de leite e derivados, nos municípios de Tiradentes, Resende Costa e Vitoriano Veloso se destaca o setor de turismo e hotelaria e, conjuntamente, o artesanato (FERREIRA JÚNIOR, BAPTISTA, LIMA, 2004, p. 56). Tratando especificamente de São João del-Rei, os organizadores do relatório do Plano Diretor Participativo do Município de São João del-Rei (2013, p. 31) afirmam que:

O setor industrial deixa de ser o principal empregador, enquanto que os setores de comércio e serviços apresentam uma expansão sustentável e significativa. Sem perder sua vocação econômica no turismo e a vocação industrial, iniciada no final do século XIX, o município vai consolidando-se como um pólo regional de comércio e serviços.

Os autores constataram que a contribuição do setor industrial para o município foi significativa, mas ainda é inferior à contribuição do setor de comércio e serviços:

Quadro 1 - Setores X PIB – São João del-Rei (2008 a 2012) - valores em reais

Setor	2008	2010	2012
Agropecuário	13.058	13.931	17.042
Industrial	121.759	144.364	145.681
Serviços	176.305	209.444	391.130

Fonte: adaptado de PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL REI (2013, s.p.).

Apesar de não ser comparável ao setor de serviços, pode-se observar pelo quadro que as indústrias constituem a segunda maior fonte de renda no município. Na região de São João del-Rei, as indústrias realizam suas vendas geralmente em atacado e para clientes locais ou regionais, embora algumas, com maior expressividade, ampliem sua clientela para o nível nacional (FERREIRA JÚNIOR, BAPTISTA, LIMA, 2004).

De fato, uma das prioridades do setor é investir na infraestrutura, ampliação do quadro de funcionários, estrutura logística e divulgação. Como a cidade não possui uma industrialização altamente desenvolvida, as empresas existentes obtêm sucesso nas vendas, sobretudo porque, em alguns setores, não há grande concorrência com outras indústrias locais (FERREIRA JÚNIOR, BAPTISTA, LIMA, 2004).

Segundo Carvalho (1994), as indústrias instaladas em São João del-Rei apresentam dificuldades frente à concorrência com as grandes indústrias, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento, consiste na capacidade de divulgação maciça de seus produtos através de departamentos de *marketing*. A necessidade de aperfeiçoamento se relaciona, também, ao fenômeno globalização, que, ao mesmo tempo em que dinamizou as relações comerciais, permitindo ampliar o campo de atuação de uma empresa, tornou a concorrência no mercado



ainda mais acirrada. As indústrias são-joanenses convivem com o dilema entre a necessidade de expansão e aperfeiçoamento e a dificuldade de recursos para isso.

Indicadores recentes acerca do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) das indústrias são-joanenses nos três primeiros meses de 2011 e no mesmo período de 2012 indicam que em março de 2012 houve elevação de 55,20% em relação ao mês de fevereiro e queda de 4,57% em relação a março de 2011, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 2 - Arrecadação de ICMS da indústria de São João del-Rei, 2011/2012

Meses	Valores Correntes (R\$)		Valores Reais (R\$)		Variação (%)		
	2011	2012	2011	2012	Mês Anterior	Ano Anterior	Igual Período Ano Anterior
Janeiro	748.855	500.063	785.893	503.202	-16,28	-35,97	-35,97
Fevereiro	588.932	461.242	612.204	463.810	-7,83	-24,24	-30,83
Março	730.055	719.831	754.303	719.831	55,20	-4,57	-21,63

Fonte: Universidade Federal de São João del-Rei (2012, p. 9).

Os dados sugerem que 2012 se iniciou com decréscimo na arrecadação em comparação com o ano anterior. Para ilustrar as discussões realizadas até aqui e verificar em que medida as indústrias da microrregião de São João del-Rei foram afetadas pela crise de 2008 e quais as alternativas foram e estão sendo tomadas pelo setor, realizou-se uma pesquisa de campo cuja caracterização é apresentada a seguir.

3. METODOLOGIA

3.1. UNIVERSO E AMOSTRA

De acordo com Junior (2007), o universo pode ser entendido como o conjunto total dos elementos que possuem as características que serão objetos de estudo. Já a amostra é a parte do universo escolhida segundo algum critério de representatividade, já que é inviável estudar todo o universo. Nesta pesquisa, o universo compreende todas as indústrias situadas em São João del-Rei, Minas Gerais.

Devido à inviabilidade de fazer um estudo com todas as indústrias, fez-se um recorte em que se selecionou como amostra um conjunto de 15 indústrias, a fim de observar semelhanças e diferenças entre as respostas para as mesmas questões. Os participantes foram esclarecidos sobre os procedimentos técnicos e assegurados de que seu nome não seria divulgado no relatório da pesquisa, por questões de sigilo e ética.



3.2. TÉCNICAS DE AMOSTRAGEM

Neste trabalho, as técnicas de amostragem têm o objetivo de favorecer a coleta de dados necessários para a realização do estudo proposto. Considerando-se as especificidades da pesquisa proposta, optou-se pela técnica da amostragem estatística. Conforme Junior (2007), esse tipo de amostragem se caracteriza pelo fato de a amostra ser selecionada cientificamente a fim de que os resultados encontrados possam ser estendidos a todo o conjunto conforme a teoria da probabilidade ou segundo as regras estatísticas. Portanto, nesse método, de acordo com Stevenson (1981, p. 158), “a *inferência estatística* envolve a formulação de certos julgamentos sobre um todo após examinar apenas uma parte, ou *amostra dele*”.

3.3. COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

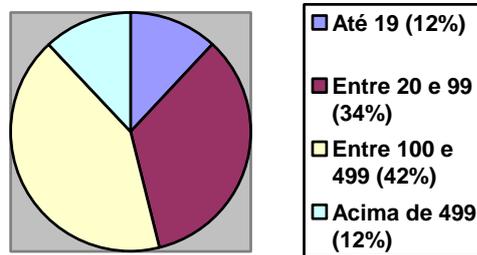
Para a coleta dos dados, optou-se pelo método de aplicação de questionários, devido à sua praticidade e ao fato de poder ser aplicado a diversas pessoas ao mesmo tempo. Optou-se por enviar os questionários aos setores responsáveis para que fossem preenchidos por aqueles funcionários que se dispusessem a colaborar com a pesquisa. Foram elaboradas 14 (catorze) questões objetivas (múltipla escolha). Os questionários foram encaminhados por e-mail ao departamento financeiro das indústrias e distribuídos aos responsáveis pelo setor, sob consentimento dos mesmos, que tiveram o prazo de uma semana para respondê-lo. Para análise dos dados, foi adotada a apresentação de gráficos seguidos de análise discursiva do conteúdo.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste tópico são apresentados os dados obtidos para cada questão, seguidos de análise com base nos referenciais teóricos abordados nos capítulos anteriores.

A primeira questão teve como objetivo avaliar, de acordo com o número de funcionários, em qual tipo de indústria cada organização se enquadrava, já que o número de funcionários é um dos critérios definidores do perfil de uma empresa, conforme discutido no capítulo anterior. O gráfico 1 mostra os resultados obtidos:

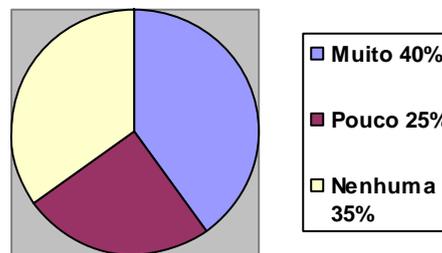
Gráfico 1- Número de funcionários



Pode-se observar que 42% das indústrias investigadas são de médio porte, pois empregam entre 100 e 499 funcionários. Para os padrões de São João del-Rei, uma cidade de médio porte, tais indústrias empregam uma parcela significativa da população economicamente ativa. Também chama a atenção o número pouco significativo tanto de micro quanto de macro indústrias, o que indica que o perfil industrial da cidade é representado por indústrias de pequeno a médio porte.

A segunda questão buscou investigar a situação da empresa quando da eclosão da crise para verificar se o nível de preparação serviu como atenuante para o impacto da crise na organização.

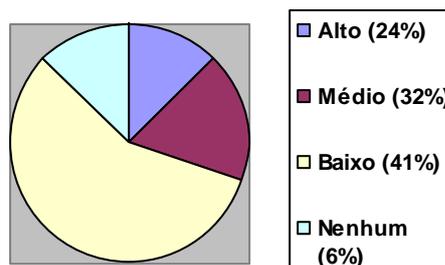
Gráfico 2- Nível de preparação das empresas



Esses dados indicam que há uma grande divergência no nível de preparação das empresas para o enfrentamento da crise.

A terceira questão visou averiguar a relação entre o local e o global, observando em que medida as discussões acerca do fenômeno mundial chegaram à região. Quando indagados quanto ao conhecimento sobre a crise, os respondentes apresentaram os resultados:

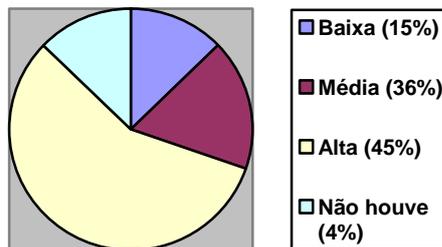
Gráfico 3 - Informação sobre a crise de 2008



Esses dados demonstram que o nível de informação sobre a crise das indústrias pesquisadas foi baixo, pois quase metade dos respondentes afirmou que suas respectivas empresas não estavam preparadas.

A questão 4 buscou analisar, em linhas gerais, se os efeitos da crise sobre a indústria são-joanense acompanhou o impacto sofrido no restante do país. Quando indagados com que intensidade os impactos causados pela crise de 2008 prejudicaram sua empresa, as respostas foram:

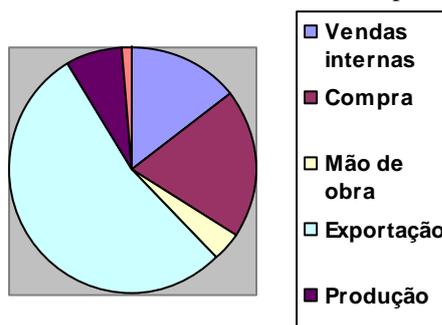
Gráfico 4 - Efeitos da crise



Os dados obtidos indicam que a indústria na microrregião de São João del-Rei foi significativamente abalada pela crise econômica internacional, já que 45% dos informantes destacaram o alto impacto da crise em suas empresas e outros 36% apontaram um impacto médio.

Uma vez observado o nível de impacto geral da crise sobre cada empresa, foi pertinente indagar em quais setores da empresa o impacto foi mais significativo. Assim, na quinta questão questionou-se qual a ordem de setores que apresentaram queda no fluxo do processo produtivo da empresa em relação aos impactos da crise:

Gráfico 5 - Fluxo de crescimento produtivo

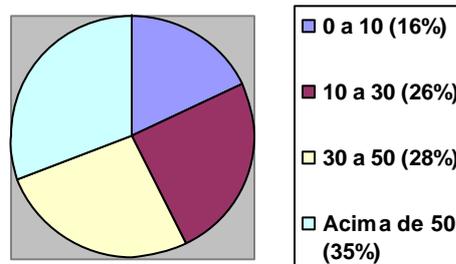


O gráfico 5 demonstra que, dentre todos os setores, a exportação foi com sobras o mais comprometido. Esse dado revela que a queda da economia internacional para importações afetou intensamente a economia local. Também chama a atenção que as vendas internas e a produção foram bastante prejudicadas, o que indica, portanto, que a relação produção/venda foi comprometida.

A sexta questão mensura em que medida a crise alterou o fluxo natural de crescimento da indústria são-joanense, pretendendo identificar se ela implicou quebra no ciclo de expansão e desaceleração no ritmo de crescimento da empresa e com que intensidade esta

ocorreu. Apenas uma empresa não foi afetada. Já as outras foram afetadas em diferentes níveis, como se vê no gráfico seguinte:

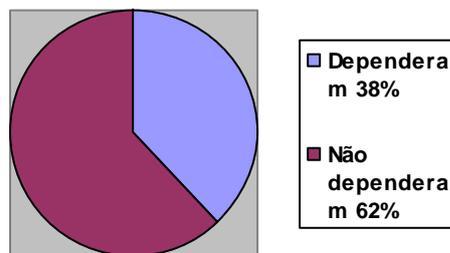
Gráfico 6 - Desaceleração do crescimento



Pelo gráfico 6, pode-se observar que há um maior nivelamento em relação aos impactos da crise que afetaram o crescimento das indústrias. Todavia, pode-se observar que, em maior ou menor grau, praticamente todas foram impactadas pelo fenômeno.

Uma vez que o governo brasileiro, na tentativa de conter os efeitos da crise na economia nacional, lançou uma série de medidas com vistas a amenizar os danos daquela sobre as empresas nacionais, a questão 7 investiga se os efeitos da crise levaram a indústria à dependência do capital externo e subsídios governamentais (como empréstimos do BNDES, por exemplo). Como resultado, obteve-se que:

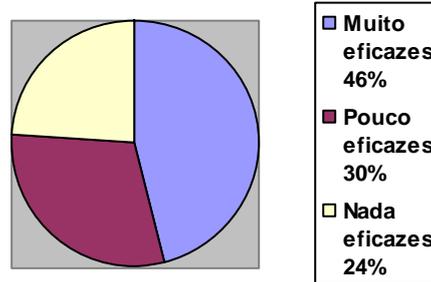
Gráfico 7-Dependência de auxílio



Esses dados indicam que, de maneira geral, a indústria são-joanense enfrentou a crise sem contar com tais subsídios. Embora não se saiba ao certo quais motivos levaram mais da metade das empresas a não recebê-los, pode-se inferir que o baixo nível de informação, observado em questões anteriores, tenha um papel relevante.

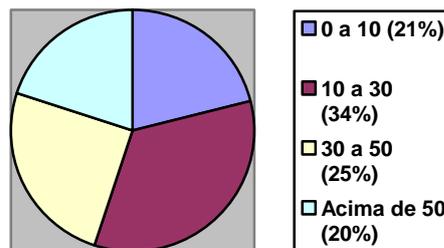
Considerando-se que o governo federal buscou atenuar o impacto da crise no país através de um conjunto de planos estratégicos, a oitava questão indagou se as estratégias traçadas pelo governo para contenção do impacto da crise no país favoreceram a empresa. Em desdobramento da questão anterior, esta visou a uma avaliação dos respondentes quanto à eficácia dos mecanismos traçados pelo governo:

Gráfico 8-Eficácia das estratégias governamentais



Como uma das consequências imediatas da crise foi o endividamento, a questão 9 buscou verificar se no contexto são-joanense o mesmo fenômeno ocorreu, com o objetivo de esclarecer se houve aumento do débito das organizações em detrimento da crise de 2008. Apenas 3 dos respondentes afirmaram que sua empresa não apresentou endividamento. Os outros apresentaram os seguintes dados:

Gráfico 9- Endividamento devido à crise



A diversidade dos números indica que, embora quase todas as empresas apresentaram algum tipo de endividamento, este se deu em gradações variadas, conforme a situação financeira de cada uma.

A décima questão teve como objetivo estabelecer um comparativo da situação econômica das indústrias antes, durante e no período pós-crise, de modo a verificar se houve oscilação e em que medida esta está relacionada ao fenômeno da crise, conforme se pode observar no quadro 3:

Quadro 3 - Situação econômica das indústrias são-joanenses

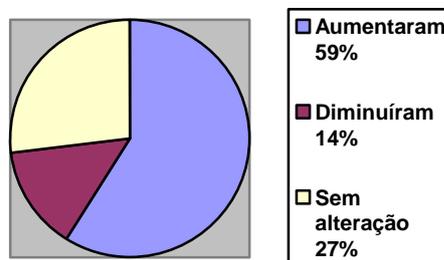
Período	Ótima	Boa	Ruim	Péssima	TOTAL
Antes	33%	67%	-	-	100%
Durante	14%	30%	48%	8%	100%
Pós Crise	30%	50%	20%	-	100%
Oscilação Antes/pós-crise	3%	17%	20%	0	-

Os dados indicam que antes da crise 33% das empresas estavam em ótima situação econômica, 67% em situação boa. Nenhum delas estava em situação ruim ou péssima. Já

durante a crise, o panorama apresenta uma mudança substancial: 14% se mantêm em situação ótima e 30% em situação boa. Já 48% se consideraram em situação ruim e 8% em situação péssima. Por sua vez, no pós-crise a situação econômica volta a se estabilizar, mas ainda permanece aquém da situação anterior: 30 % das empresas estão em ótima situação, 50 % em situação boa e 20 % em situação ruim. Embora nenhuma das empresas considere sua condição como péssima, pode-se afirmar que o impacto da crise ainda não foi superado, visto que os números permanecem abaixo do período anterior à crise de 2008.

Já a questão 11 buscou averiguar se a crise levou as indústrias locais a buscarem estratégias de restabelecimento no mercado através de captação de consumidores e superação das concorrentes.

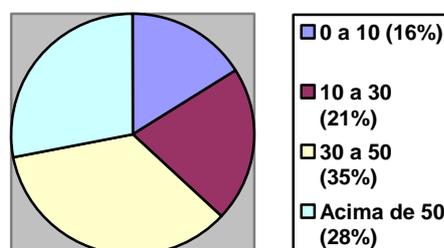
Gráfico 10-Estratégias



Como se observa por esses indicadores, a crise serviu como alerta para a maioria das empresas, pois mais da metade aumentou suas estratégias frente à concorrência após a deflagração da crise.

Focalizando especificamente a vida financeira das empresas, a questão 12 buscou verificar em que medida a economia foi comprometida pelo impacto nas vendas. Nesse sentido, os informantes foram questionados se a crise de liquidez na economia, decorrente dos desequilíbrios entre oferta x demanda que se acumularam no período de crise, atrapalhou sua alavancagem financeira. Para essa questão, todos os informantes responderam positivamente. Quando perguntados em que nível (em porcentagem), apresentaram os seguintes números:

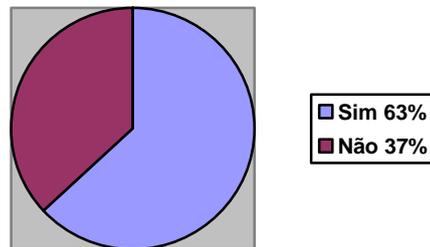
Gráfico 11 - Desequilíbrio oferta-demanda x alavancagem financeira



Embora discretamente, os dados indicam que o prejuízo decorrente do desequilíbrio na relação oferta-demanda foi significativo, pois mais da metade dos respondentes avaliou o prejuízo nas opções 30 a 50 % e acima de 50%.

Na questão 13, o intuito foi analisar se as indústrias locais identificaram na crise possíveis lições e ensinamentos para o futuro. Assim, verificou-se que:

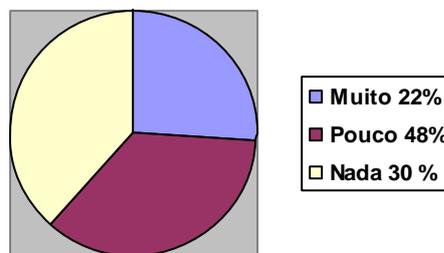
Gráfico 12-Crise como incentivo



A crise de 2008, apesar das turbulências causadas no cenário econômico financeiro, acabou sendo um incentivo e alerta para futuras mudanças nas estratégias micro e macroeconômicas da empresa, sendo que 63% dos informantes responderam que sim e 37% responderam negativamente. De fato, a grande maioria das empresas estudadas conseguiu identificar na crise uma lição para o futuro e um incentivo a um desenvolvimento mais estratégico.

Já a 14ª e última questão consiste em um desdobramento da anterior. Nela buscou-se observar como a empresa se encontra no período posterior à crise e seu nível de preparo para eventuais problemas econômicos no futuro. Considerando a periodicidade e recorrência com que ocorrem crises nos diversos setores da economia capitalista, perguntou-se em que estágio a empresa se encontra para enfrentar possíveis dificuldades futuras:

Gráfico 13-Nível de preparação



Como se pode notar nesses números, as indústrias locais oscilam em nível de preparação, mas quase metade se considera pouco preparada. Esse dado é significativo, pois ao mesmo tempo em que afirmam ter aprendido com a crise, as empresas se consideram incapazes de lidar satisfatoriamente com uma próxima. Isso sugere certa insegurança por parte dos gestores das empresas quanto ao enfrentamento de um período de turbulências como o ocorrido nos últimos anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais danos trazidos pela crise aos mais diversos países foram prejuízos financeiros e a desaceleração do crescimento econômico. Suas consequências e profundidade,



contudo, só não foram maiores porque governos das principais potências mundiais injetaram grandes somas financeiras nas suas economias, com a tentativa de equilibrar o mercado. Observou-se que o Brasil foi particularmente prejudicado porque, no momento da crise, passava por uma fase de estabilização na qual se observava uma melhora em sua conjuntura econômica. Esse crescimento acabou sendo prejudicado devido ao aumento da inflação e à diminuição das exportações.

No entanto, foi observado que a ameaça da crise levou o governo a se precaver através de estratégias, o que amenizou seu impacto sobre a economia nacional. Assim, no caso do Brasil foram relevantes as políticas governamentais de incentivo ao setor industrial desde o agravamento da crise, seja por meio de gastos próprios, de redução de impostos ou de medidas monetárias e cambiais para combater a restrição ao crédito.

Respondendo à pergunta de pesquisa, pode-se afirmar que a crise de 2008 afetou a economia industrial na microrregião de São João del-Rei, pois, em maior ou menor grau, todas as indústrias pesquisadas sofreram o impacto da crise econômica mundial. Anteriormente à 2008, as mesmas apresentavam estabilidade, mas, durante o auge da crise, várias delas enfrentaram problemas, tais como endividamento, queda na produção e nas vendas e desaceleração econômica.

No entanto, uma característica peculiar da indústria em São João del-Rei foi o enfrentamento da crise sem contar com apoio das políticas governamentais. Outra particularidade observada foi o pouco conhecimento do empresariado local a respeito da crise, bem como o despreparo das indústrias frente à possibilidade de ocorrência de novas dificuldades. As indústrias que compuseram a amostra da pesquisa demonstraram que, embora fosse vivenciada como uma tragédia, a crise foi vista como uma importante lição para o futuro, pois mostrou as fragilidades e vulnerabilidades da economia são-joanense, assim, significou um alerta e apontou a urgência de uma reestruturação das indústrias locais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. *O bom negócio da sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CANZIAN, Fernando. *Desastre Global: Um ano na pior crise desde 1929*. São Paulo: Publifolha, 2009.

CARVALHO, Luiz Fernando. *O Empreendedor da Microrregião de São João del-Rei*. Revista Vertentes, nº 4, p. 68-78, FUNREI, jul/dez 1994.

CROCCO, M.; GALINARI, R. *Minas Gerais do Século XXI*. Belo Horizonte: BDMG, 2002.

FERREIRA, M. H. *Uma análise da economia brasileira no período 2003 a 2010*. Trabalho de conclusão de curso de Administração da Faculdade Presidente Antônio Carlos. São João del-Rei, 2011.

FERREIRA JÚNIOR, S.; BAPTISTA, A. J. M. S.; LIMA, J. E. *A modernização agropecuária nas microrregiões do Estado de Minas Gerais*. Revista de Economia e Sociologia Rural, v.42, n.1, 2004.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.



GONÇALVES, R. *Que crise é essa?* Curitiba: Juruá, 2009.

GONÇALVES, R. *A crise internacional e a América Latina. Com referência especial ao caso do Brasil.* Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/datacenterie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto2110.pdf>> Acesso em 28 nov. 2013.

KRUGMAN, Paul R. *A crise de 2008 e a economia da depressão.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LAILER, C. L. *A “crise da dívida” e o Estado na América Latina.* XII Encontro Regional de História ANPUH, 2006, p. 1-14.

MORRIS, Charles. *O Crash de 2008.* São Paulo: Aracati, 2009.

NOGUEIRA, Agnaldo; CARVALHO FILHO, José H. *Perfil Industrial das regiões Norte de Minas, Jequitinhonha/Mucuri e Rio Doce.* Belo Horizonte: Diretoria de Estudos Prospectivos e Informações Estratégicas Unidade de Avaliações Econômicas e Regionais Belo Horizonte (MG), 2008.

PERON, André. *Entenda a crise econômica, com um pouco de economês!* Disponível em: <http://www.prevestibular.ufsc.br/site2/Materialapoio/ACriseEconomica_AIT.pdf> Acesso em: 10 nov. 2013.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL REI. Relatório Técnico: síntese das análises (2013).

SANTOS, J. A dos. Leite: garantindo a qualidade, da fazenda à plataforma. *Revista Indústria de Laticínios* (São Paulo), ano II, n.8. p.12-17, 1997.

SOROS, George. *O Novo Paradigma para os Mercados Financeiros: A Crise Atual e o que Ela Significa.* Rio de Janeiro: Agir, 2008.

STEVENSON, William J. *Estatística aplicada à administração.* São Paulo: Harbra, 1981.

TREVISAN, L. *Consumo pós-crise do subprime: Novos tempos na internacionalização da economia brasileira.* Comunicação, mídia e consumo, vol. 7 n. 20 p. 215-233 nov. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Indicadores Conjunturais*, n. 23, vol. 01, março/2012.

VASQUEZ, J. L. *Comércio exterior brasileiro.* São Paulo: Atlas, 2008.